

AS MUDANÇAS NA PÓS-GRADUAÇÃO COM O PACTO DE BOLONHA: um processo de “luzes e sombras”

Uma entrevista com Pier Cesare Rivoltella

Elisa Maria Quartiero*

No dia 5 de outubro de 2009, estivemos na Universidade Católica de *Sacro Cuore*, em Milão, Itália, para entrevistar o prof. dr. Pier Cesare Rivoltella – docente de Didática e Tecnologia Educativa, vice-presidente da *Associazione Italiana per L'Educazione ai Media e alla Comunicazione* (MED) -, e estudioso da relação entre mídia e educação.

Interessava-nos obter informações e discutir a respeito da sua atuação como professor na pós-graduação e participante das mudanças realizadas a partir dos anos 1990 na União Européia a criação de um espaço de ensino superior europeu. Durante a entrevista, discutimos a implementação do Pacto de Bolonha na União Européia e, mais especificamente, na Itália, com foco na organização e funcionamento da pós-graduação nas universidades italianas – uma vez que naquele momento se encerrava o primeiro período de dez anos previsto para a reestruturação das universidades dos países que compõem a comunidade, dentro do propósito de garantir maior “homogeneização” do ensino superior.

Outros aspectos predominantes na entrevista foram: diminuição do tempo para conclusão do mestrado e doutorado, mudanças no trabalho docente universitário, pressão por produtividade, estratégias de orientação, possibilidades e limites das tecnologias digitais para o trabalho de orientação na pós-graduação.

Entrevistado: Pier Cesare Rivoltella (PCR)

Entrevistadora: Elisa Maria Quartiero (EQ)

* Professora do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: f2emq@hermes.udesc.br

1- (EQ) Estamos na Universidade Católica de Sacro Cuore, em Milão, na sala-laboratório do professor Pier Cesare Rivoltella, e começamos perguntando-lhe a respeito do seu processo de formação: as condições e em que período.

(PCR) Eu me formei em filosofia, nesta universidade. O curso de filosofia incluía um currículo em mídia e comunicação porque, naquele período, segunda metade dos anos 1970, na Itália ainda não existia uma faculdade de comunicação. As primeiras faculdades de comunicação começaram a funcionar no começo dos anos 1990. Antes disso, comunicação fazia parte dos currículos de das faculdades de letras ou filosofia. Formei-me, então, em filosofia, com especialização em comunicação e espetáculo. Minha tese de doutorado teve como tema a catarse trágica em Aristóteles, uma temática que considero bem interessante. Posso dizer que foi uma tese de doutorado em dramaturgia teórica, pois trabalhei com os comentadores de Aristóteles do final do ano 400 aos primeiros anos do ano 500 a.C. Portanto, uma perspectiva bem longe da minha carreira posterior. Concluí minha tese cinco anos após, em março de 1988.

2- (EQ) Quais as principais mudanças que apontas com respeito ao processo de orientação daquele período e a forma como é desenvolvido hoje?

(PCR) A mudança principal é que a orientação passou de uma perspectiva quase exclusivamente individual (da época em que estudei) para uma perspectiva grupal. Hoje, tenho doutorandos que oriento individualmente, mas esses momentos de orientação individual se incluem no processo de grupo – há reuniões de grupo nas quais cada um apresenta e relaciona o estado e os avanços de seus estudos –, pois mudou completamente o sentido do doutorado, diferente do anterior. de quando a pesquisa visava apenas a preparar o doutorando para a vida acadêmica. Na Itália, até a metade dos anos 1990, o doutorado era isso. Formar-se nele significava preparar-se para a vida universitária. Hoje não é mais assim; doutorado é o terceiro nível da formação e ponto, uma vez que o estudante pode entrar no doutorado, ter uma bolsa, trabalhar três anos, sair com o título e a universidade pode não o contratar. Antes, o doutorado era um caminho para entrar na universidade. Estava fortemente conectado à carreira acadêmica. Fazer doutorado queria dizer virar professor universitário. Hoje todos sabem que, na maioria dos casos, ao terminar o doutorado o estudante volta a fazer o que fazia antes ou, eventualmente, encare outras possibilidades de trabalho, mas não necessariamente na universidade. Essa é a mudança maior.

3- (EQ) E como relacionar essa mudança com a categoria tempo, especialmente o tempo

de realização da formação?

(PCR) Analiso que, hoje, as pessoas estão trabalhando na dimensão do presente, sem projetos com perspectiva voltada ao futuro. Penso a mesma coisa do doutorado: um garoto ou uma garota que começa o doutorado na Itália não tem a possibilidade de projetar esse doutorado na perspectiva de um futuro profissional. Eles só pensam em fazer o doutorado, ponto. É como se pensassem: depois que acabar o doutorado eu vou pensar o que vou fazer com isso. O doutorado torna-se, em primeiro lugar, uma possibilidade de ganhar dinheiro, porque é uma bolsa de três anos. A situação parece ser a seguinte ao terminar o mestrado: "Agora o que vou fazer?" Tentar o ingresso no doutorado é conseguir mais três anos de bolsa ou, melhor dizendo, retorno à universidade. No entanto, ao conseguir o título, pode encontrar maiores dificuldades para encontrar emprego do que um mestre ou graduado. Por quê? Porque o nível do seu contrato é mais alto e, apesar da qualificação acadêmica, ele não tem experiência profissional, pois só estudou. A você, jovem, doutora, eu deveria pagar para esse nível, mas você não tem experiência; então é preterida por uma pessoa que tenha um perfil de formação mais baixo, mas com mais experiência, pois o gasto é menor. Podemos por isso dizer que na Itália e na União Européia, neste momento, ter doutorado não garante emprego melhor.

4- (EQ) Além da categoria tempo, gostaríamos de focalizar a da autonomia. Como você analisa a autonomia dos pós-graduandos que chegam hoje à universidade? Este estudante é mais autônomo?

(PCR) Não é mais autônomo. Hoje é necessário cuidar do estudante como se fosse uma criança. Aqui na Itália é assim a relação entre orientando e orientador. Estou na universidade desde 1993. Nesses 15, 16, 20 anos, o trabalho intelectual tem sofrido uma progressiva e acentuada perda de autonomia entre os estudantes de todos os níveis de formação. Poderíamos falar até em uma regressão. Ao analisar esta situação e justificar a minha afirmação, tenho como base minha própria formação e a de outros professores da mesma época. A orientação individual que tive me fornecia linhas, mas me dava total autonomia para o mestrando ou doutorando. Era responsabilidade minha fazer tudo: a pesquisa era a minha pesquisa. Hoje não é mais assim. Está muito difícil. O estudante não pede autonomia; ao contrário, solicita que o orientador o direcione e decida por ele. A falta de autonomia dos estudantes é um fator de pressão sobre nós, orientadores. Lembro que quando fiz meu mestrado e doutorado, a relação com os meus orientadores era diferente – jamais ligaria no fim de semana para a casa deles. Além do mais, os encontros aconteciam somente se houvesse algo a apresentar, a discutir. Hoje, até questões burocráticas, de secretaria, acabam sendo solicitadas ao

orientador: "onde eu posso tirar cópia do material?" e outras questões dessa natureza. Considero que esta falta de autonomia também se reflete na relação de dependência, de excessivas exigências em relação ao orientador, de muitos pedidos, de excessiva presença do orientando em seu tempo, com questões que nem sempre têm relação direta com a dissertação ou tese, ou mesmo com o processo da pós-graduação na perspectiva teórico-metodológica.

5- (EQ) Considera que as medidas implementadas a partir do Processo de Bolonha podem explicar estas mudanças? Como estão interferindo no seu trabalho e vida pessoal?

(PCR) Olha, há luzes e sombras, pois Bolonha foi uma necessidade. Num contexto de Europa unida, não teria sido possível a troca de professores e estudantes sem uma organização similar entre as universidades. A mudança dos sistemas universitários para o “três mais dois” foi uma necessidade¹. Na Itália, antes de Bolonha, não havia diferença entre graduação e mestrado; era um curso único, de quatro ou cinco anos, sem diferenças nestes níveis. Em outros países Portugal, Espanha e Inglaterra - era diferente. A mudança para dois níveis de formação - uma base de três anos e mestrado profissionalizante, como uma formação, e depois o doutorado - foi uma necessidade. O que aconteceu na Itália ou, melhor dizendo, o que a mudança significou para as universidades que tiveram de multiplicar seus cursos. Cinco ou seis anos depois do início do processo de Bolonha, os cursos tinham praticamente duplicado: passaram de 1.000, 1.500 a 3.000, 3.500 cursos. Por quê? Porque, ao multiplicar o número dos cursos, os professores tiveram a possibilidade de multiplicar o número das vagas. Com isso, mais cursos, mais professores, mais alunos poderiam se tornar professores. O que aconteceu, no entanto, é que o número dos estudantes permaneceu o mesmo. Isto se deve ao fato de alguns cursos terem um número insuficiente de estudantes. As universidades começaram a gastar muito dinheiro sem um retorno adequado. E agora, o que está acontecendo? A universidade está voltando a uma situação mais regrada, reduzindo o número de cursos e, conseqüentemente, as vagas. Mas esta mudança coloca a universidade em transição e crise. Veja um exemplo: antes de Bolonha, havia aqui um curso de graduação, por exemplo, de Direito Geral; depois de Bolonha, no lugar desse curso nasceram 15, 20, 30, 40 cursos diferentes em direito internacional, direito da empresa, direito comercial aplicado. Resultado:

¹ Referência à mudança no tempo de formação da graduação e à incorporação da pós-graduação na formação inicial. O estudante cursa a graduação em três anos e em dois realiza seu mestrado, geralmente profissionalizante. Com mais três anos, conclui o doutorado. A proposta é um “pacote” de oito anos de formação, a ser generalizado entre as universidades européias.

se antes, na minha universidade, havia um curso de Direito com 600 estudantes, depois passou para 20 cursos de direito com 20 estudantes cada um. Mas o número de professores aumentou: cada um dos 20 cursos tem seu professor, o que significa no mínimo mais 20 professores. Esta situação foi mantida até que o sistema, do ponto de vista financeiro, não conseguiu mais suportar

6- (EQ) Na sua opinião, qual é o significado da redução do tempo de quatro para três anos para realizar o doutorado?

(PCR) O doutorado agora é realizado em três anos. O primeiro dos três, normalmente, é cheio de cursos, disciplinas, aulas, o que faz com que somente ao final do primeiro ano o doutorando consiga entender qual possa ser o tema do seu trabalho. Se conseguir decidir neste período, tem dois anos para fazer a pesquisa e escrever. Então, é muito pouco tempo. O trabalho que ele vai realizar está ligado à necessidade de publicar. Na Itália está em desenvolvimento um sistema de avaliação nacional da pesquisa, como tem na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Este sistema nacional de avaliação tem como base as publicações de professores e estudantes.

7- (EQ) Como você relaciona quantidade/qualidade referindo-se a esta questão de publicação e, especialmente, uma publicação encomendada ou “administrada”, como dizia Adorno?

(PCR) É um grande problema. Como sabe, nas Humanidades tem um problema muito grande de critérios quantitativos, que há muitos anos representam o fator de impacto nas disciplinas científicas. Em nossa área não faz muito sentido, pois, para nós, um livro vale mais que um artigo. Já, ao contrário, nas disciplinas científicas, toda a comunicação acontece em pequenos artigos e aparecem muitos outros problemas. O que acontece normalmente é que a quantidade possa ser escolhida e preferida à qualidade, sobretudo quando é quantidade de publicações em inglês, como está acontecendo agora: todo mundo está enlouquecendo para publicar em inglês. Pode até ser um texto fraco, mas escrito em inglês é mais bem-aceito. Acho que não é o fato de ser escrito em inglês que deve dar a medida do valor de um artigo. Mas estamos em uma situação em que um artigo normal, sem muito valor de novidade e sem valor de pesquisa, só pelo fato de estar em inglês pode ter mais valor do que um bom artigo escrito em italiano.

8- (EQ) Isto se torna mais um fator de pressão, não? E por falar nisto, como se reflete em sua vida pessoal e na relação com o seu grupo de orientandos?

(PCR) Sim, é uma pressão. Mas posso dizer que esta pressão não é a mesma para todos, porque muitos dos meus orientandos sabem que não vão continuar na universidade e isso provavelmente modera a pressão, mais forte de parte dos doutorandos que têm uma expectativa de continuar a carreira acadêmica na universidade. Nesse caso, sim. Os outros orientandos começam o curso sabendo que depois dos três anos vão voltar a fazer outras coisas, que não ficarão na universidade; neste caso, a produção não é tão importante, apesar de, sobre o orientador, incidir uma pressão burocrática muito grande. Neste sentido, não estou vendo uma maior qualidade no que estamos fazendo. O que quero dizer com pressão burocrática: a cada seis meses, os doutorandos devem fazer e apresentar um relatório; o orientador lê e devolve o relatório com suas ponderações; discute, então, em conjunto, o que cada doutorando relacionou. É uma burocracia enorme, cujo único valor é elencar números. Eu, como orientador, tenho que fazer todos os esforços para que meus orientandos terminem suas dissertações e teses, porque esse é um critério de avaliação do programa de pós-graduação. No entanto, depois do terceiro ano, eles não têm mais bolsa de estudos. E o que acontece? Se ele termina nos três anos, tudo bem. Se ele chega ao último ano e avalio que não vou conseguir terminar no prazo, posso pedir ao conselho dos professores uma prorrogação de mais um ano. Mas, nesse ano, o pós-graduando não tem mais a bolsa de estudos, que termina no terceiro ano, o que torna mais difícil o término do trabalho. Não concluindo nesse quarto ano, não existe mais possibilidade de prorrogação. Este caso vai interferir na avaliação do Programa, que vai descer no *ranking*, na classificação, porque não tem 100% de doutorandos que concluíram seu trabalho.

9- (EQ) Que outras possibilidades você encontra nas tecnologias digitais para realizar o seu trabalho de orientação e produção acadêmica?

(PCR) A grande possibilidade é ter uma comunicação também virtual, que otimiza a comunicação presencial. O estudante pode solicitar conselhos, trocar idéias pelo correio eletrônico, sem passar necessariamente pelo meu escritório. Muitas coisas podem ser resolvidas tranquilamente por meio do correio eletrônico. É claro que, nesse processo, desenvolvi algumas técnicas de sobrevivência. Por exemplo: a necessidade de ter o capítulo impresso e não enviado pelo correio eletrônico, evitando ter que imprimir tudo ou, pior ainda, fazer correções na tela e devolver por correio eletrônico. Outra coisa, necessito ter o capítulo finalizado para realizar minha leitura. Não aceito materiais não acabados. Digo aos meus orientandos: “Vou falar novamente, você me manda o capítulo quando o capítulo, na sua ideia, está terminado, concluído”. A entrega é presencial, porque senão vai ser uma loucura,

pois o estudante tem a tendência de encher os espaços e os tempos privados do professor. Normalmente, solicita uma resposta intempestiva. Escreve, e se você não responde em poucas horas, escreve de novo: "Professor, eu mandei um e-mail...". Analiso que mudou muito a vida do professor com a presença das tecnologias para o trabalho a distância. Claro que se abrem muitas possibilidades, mas é preciso elaborar, estabelecer regras, porque, do contrário, vai ser impossível sobreviver. Na Itália, há algum tempo, a profissão de professor universitário é uma profissão que já não se distingue de outra, de um trabalhador de escritório, por exemplo. Nós temos uma carga horária de 200 a 250 horas de aula por ano, com 20, 30 e até 40 estudantes para serem acompanhados na graduação; 10 a 20 no mestrado e cinco a 10 no doutorado. Reuniões, conselhos de faculdade, de departamento, de subdepartamento fazem parte da rotina de trabalho do professor universitário. Há produção, há pesquisa. Eu preciso ler, manter-me atualizado. Então é verdadeiramente uma loucura. Tenho que ter regras definidas para trabalhar com esses grupos de estudantes. Ainda mais agora, com as TIC.

10-(EQ) Retomando a sua fala, no tocante às TIC, fala-se muito entre pesquisadores e gestores a respeito das políticas públicas para a pós-graduação, justificando a diminuição do tempo no mestrado e no doutorado pelas facilidades que as tecnologias digitais permitem: acessos o banco de dados, a orientações e comunicações virtuais, e a não-necessidade de deslocamentos geográficos para realizar pesquisas. Você, como pesquisador na área de mídia e educação, como analisa estas potencialidades?

(PCR) Nos primeiros anos do *e-learning*, criou-se uma utopia: teríamos mais tempo com as facilidades das TIC. A utopia era: o *e-learning* encurta os espaços e amplifica o tempo. Mas isso não é verdade: o uso da tecnologia envolve mais tempo que no período anterior ao seu uso. Uma pesquisa, finalizada em 2008 nos EUA, em uma amostra estatística nacional, apresentou resultados que indicam que um empregado utiliza em torno de duas horas por dia só para administrar o correio eletrônico, o que é muito tempo. Então, acho que precisamos diferenciar muito bem o espaço e o tempo público-profissional, do espaço e do tempo privados. No tempo privado, incluo também o tempo para as leituras, para escrever, pesquisar. Considero que, com tal regime de trabalho, na universidade europeia atual, estejamos ameaçados de perder completamente o tempo para ler, para estudar e para escrever, o que muito me preocupa! Se ficarmos um ou dois anos sem ter uma boa possibilidade de ler e atualizar os nossos conhecimentos, perderemos tudo: passarei a ser um professor com menos valor que agora. Acredito que o sistema não está compreendendo esta especificidade da profissão acadêmica.